

O ponto de virada de Jean

Jean's turning point

Anna Barreto Campello Carvalheira Chaves
Edilene Freire de Queiroz

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir sobre intervenções psicanalíticas que podem ser comparadas com o ponto de virada, estratégia empregada nas narrativas literárias. Tomaremos como ilustração o caso de Jean, um menino de 4 anos de idade, que se encontrava submetido ao duplo especular, um irmão gêmeo que faleceu logo após o nascimento. O duplo surge como traço destrutivo impeditivo da singularização da criança. Segundo Aristóteles, o ponto de virada abre para a criação de uma codificação diferente, gerando modificações na direção e no próprio sentido da narrativa. No caso de Jean, com base em intervenções realizadas no campo transferencial, a psicanalista funciona inicialmente como espelho, enfatizando o que se repete, o que caracteriza a linearidade da narrativa e, ao mesmo tempo, abre possibilidades para o surgimento de um elemento surpresa, considerado inicialmente acessório, que passa a ser o fundamental. A posição da psicanalista de funcionar inicialmente enquanto espelho e de posteriormente enfatizar o elemento trazido como acessório permite uma modificação entre figura e fundo do caso clínico, propiciando uma metamorfose no corpo de Jean, uma mudança no olhar.

Palavras-chave: Duplo especular, Elemento surpresa, Espelho, Metamorfozes corporais, Ponto de virada.

Introdução

O objetivo deste artigo é discutir intervenções psicanalíticas geradoras de um ponto de virada, as quais ocorrem em narrativas literárias, roteiros de filmes e novelas, ou seja, um ponto em que é dada relevância a algum elemento acessório do que é contado, possibilitando uma modificação entre figura e fundo na história.

O caso clínico de Jean, criança de 4 anos de idade, será apresentado no intuito de propiciar reflexões acerca das intervenções no campo da psicanálise. Jean chega a atendimento com diagnóstico de autismo, encontrando-se inicialmente em um não lugar nas fantasias da mãe, a qual ainda não havia feito o luto de seu outro filho, gêmeo idêntico de

Jean. Ele se expressava de forma regredida: batendo a cabeça na parede, pintando a sala e o próprio corpo, com pouquíssimas verbalizações.

A relação transferencial com a psicanalista, na medida em que inicialmente replica um excesso, pôde permitir a transposição de um momento primeiro traumático. Sendo assim, a partir da ideia de funcionar como um espelho e apenas refletir o que é trazido, acolhendo para só posteriormente inserir algum elemento acessório surpresa, advindo da própria história do sujeito, foi possível haver o início de uma marca significativa em Jean.

Em casos colados ao duplo, há necessidade da reconstrução de um lugar muito

primitivo, já que nesses casos o sujeito está ainda submetido ao Outro. O psicanalista, portanto, funciona inicialmente replicando e fazendo uma função de continência e de cópia, como em uma narrativa literária em que se inicia de forma banal, para, só posteriormente, inserir algum elemento acessório da história, que então se tornará fundamental e funcionará como elemento surpresa, um elemento estranho e ao mesmo tempo familiar.

Método

Este artigo é parte de uma tese de doutorado que se encontra em construção, na qual são analisados três casos clínicos que expressam pontos de virada com metamorfoses corporais por meio de um conjunto de intervenções. A tese trata dos três casos clínicos pelo método proposto por Dumezil, ou seja, mediante o traço do caso.

Segundo Dumezil e Brémond (2010) em *L'invention du psychanalyste: le trait du cas*, o traço é o que faz um corte no caso, é o que singulariza, o que sublinha e é o que permite descrever o caso. Em relação a Jean, o que faz marca é a relação com o duplo especular, ilustrado por seu irmão gêmeo idêntico morto.

Neste artigo, assim como na tese, o traço do caso é analisado; também é feito um estudo comparativo entre a intervenção psicanalítica e o que é trazido como ponto de virada em narrativas literárias, roteiros de filmes e novelas.

O caminho percorrido neste trabalho para circunscrever o ponto de virada de Jean é apresentar como o sujeito se constitui por intermédio do Outro lacaniano, frisando o que é o duplo especular:

- As marcas significantes do Outro; situar o que é o ponto de virada na literatura e correlacionar com a intervenção psicanalítica.

- O ponto de virada de narrativas literárias na clínica psicanalítica; a partir do caso clínico, refletir acerca da constituição de sujeito submetida ao Outro na forma do duplo especular, e o ponto de virada expresso pela inscrição significativa.

- O ponto de virada de Jean: do não lugar ao significante PATATATI.

I As marcas significantes do Outro

No *Seminário 11*, Lacan ([1964] 1998) desenvolve a ideia de que o sujeito surge do Outro, e o Outro é o tesouro dos significantes. Antes mesmo de nascer, o bebê é banhado por significantes relacionados com o desejo dos pais. Esse lugar anterior será marcante para o sujeito, e é por meio de um significante advindo desse lugar que o sujeito se constituirá.

Em termos gerais, pode-se dizer que o processo de alienação é correlativo ao fato do encontro do indivíduo com a linguagem, com uma linguagem que o precede, que aí estava antes de ele existir. Uma linguagem cujas regras e códigos estão já definidos, não tendo tido o sujeito nenhum papel em sua constituição. Essas leis lhe são exteriores, e é preciso conformar-se a elas caso se queira obter o reconhecimento do Outro falante. Com efeito, será esse Outro que lhe ensinará a servir-se da linguagem, Outro que fornecerá todos os significantes necessários a tal utilização (NASCIMENTO, 2010, p. 1).

Um dos significantes advindos do Outro marcaria o bebê. A alienação faz parte do processo de constituição do sujeito, que precisa ser marcado pela linguagem para se constituir.

A esse respeito, Dolto utiliza um exemplo didático: uma parteira que, exaurida por um dia de trabalho, após vinte partos, diz: “Ah, esse vai te dar trabalho!” (DOLTO, 1999, p. 18).

Essa frase dita em momento tão fundamental – o nascimento – faz com que a parturiente se aposse do que foi dito e nas entrelinhas, no lugar obscuro dos seus desejos, marque sua criança como um bebê que dá muito trabalho.

Essa criança vai lhe dar trabalho; ela será insuportável, você não conseguirá criá-la, é isso o que a mãe escutou. Pois bem, a criança será

assim para estar viva, porque essa fala acompanhou o fato de estar viva, de ter escapado de um perigo, e que a sábia (a parteira, ou o parteiro, o primeiro terceiro presente) diz, como um oráculo, a verdade (DOLTO, 1999, p. 19).

Lacan ([1938] 2002), em *Os complexos familiares*, deixa claro que há um legado familiar, há algo que passa dos pais para os filhos para além de uma herança biológica. É esse lugar que vai falar da construção da estrutura do sujeito, o que o Outro deseja de cada um. Ou seja, as entrelinhas da dinâmica parental fazem marca para o sujeito e funcionam como um lugar.

Caso seja possível fazer nesse Outro algum furo, significa que foi possível metaforizar esse legado, e não recebê-lo de forma literal. O caráter mal resolvido do par parental foi representado, tendo o sujeito, portanto, uma dimensão de símbolo desse mal-estar.

Caso a criança responda ao excesso do Outro sem a possibilidade de simbolização, haveria o encontro com um apagamento do eu. O bebê, para se constituir, precisará se alienar ao mundo dos significantes, marcando-se pelo Outro.

Em Lacan ([1964] 1988) o processo de alienação é necessário para advir a condição de sujeito; o sujeito emerge diante de uma perda, pois é preciso que haja uma continuidade.

Estabelecer-se numa determinada língua ou cultura, considerando que cada família tem um legado que ultrapassa questões biológicas, pode ser visto como algo que demarca um limite. Essa submissão é necessária, mas se isso for feito de forma literal, sem a utilização de metáforas, será bastante destrutivo na constituição da singularidade, no advir de um sujeito de desejo.

A ideia de o sujeito emergir de uma perda é ilustrada por uma analogia entre um assalto e a questão da alienação. Em um assalto, pode haver a escolha entre a bolsa e a vida; se se escolhe ficar com a bolsa, perde-se a vida; se se deixa levar a bolsa, fica-se com a vida,

mas falta a bolsa. A questão é que haverá uma perda em ambas as situações.

Caso o sentido do Outro seja absorvido literalmente, e não de forma simbólica, caso não haja possibilidade de metaforização, perde-se o ser. O sujeito deve ser marcado por determinado significante, e este fará com que se construa diante de um determinado caminho, como aparece no exemplo dado por Dolto (1999), o significante “trabalhoso” em alguma de suas nuances marcará aquele sujeito.

Como assinala Quinet (2000) em *A descoberta do inconsciente*, o significante tem propriedades específicas. Uma delas refere que ele funciona “segundo as leis de uma ordem fechada” (QUINET, 2000, p. 41), ou seja, o exemplo da parteira (“este bebê dará trabalho”) foi tomado como uma profecia e tem um sentido destrutivo para o sujeito: significa que será trabalhoso e fará os outros se preocuparem com ele.

No entanto, o significante tem diferentes significações dependendo da posição que ocupa em uma determinada cadeia de significantes. A expressão “dar trabalho” pode ter relação com o ofertar o trabalho, o que configuraria a possibilidade de uma faceta criativa do significante.

Essa ambiguidade se refere à propriedade da equivocidade do significante. Assim, dependendo da posição na cadeia de significantes, um mesmo termo significante apresenta significações diferentes. É fundamental perceber que o significante significa o sujeito para outro significante. Dessa forma, é algo que, como foi dito, submete o sujeito.

Na perspectiva de Meira (2004), no início da vida do bebê, a mãe pode encarnar o Outro, o que dá um suporte ao desamparo vivido pelo *infans* – termo atribuído por Lacan à criança que ainda não foi inserida no campo simbólico.

Para que o sujeito se produza, é preciso um encontro efetivo com alguém que aceite fazer ocupar o lugar do Outro, que admita

marcar seu corpo. Emprestar seu olhar e sua voz para fazer seu suporte, escutar seu grito para transformá-lo em chamada, e, a partir daí, todo o desenrolar de demandas sem fim (MEIRA, 2004, p. 126).

Assim, existe algo que marcará o sujeito para sempre, e é necessário que a mãe, ou quem exerça essa função, possa transformar o grito em demanda. Ainda segundo a autora, pode-se falar da construção subjetiva na infância fazendo alusão a um jogo de cartas.

No caso de crianças, as cartas foram postas na mesa, mas ainda há a possibilidade de se jogar diversos tipos de jogo e fazer ocorrer algo diverso com o que se tem. Caso esse jogo de cartas somente replique o que está sendo posto e não haja nenhum tipo de intervenção como exceção, algo que possa transformar esse grito em demanda, os resultados podem ser bastante desastrosos, e haveria um reforço da submissão completa da criança a esse Outro, ao sentido de forma literal.

Algo deve escapar para fazer furo nesse Outro e não absorvê-lo tal qua. Caso absorva o sentido, estaria vinculado ao plano imaginário, de um funcionamento especular com esse Outro, como na psicose ou, ainda de forma mais preliminar, pode-se estar em uma posição anterior à alienação ao Outro, como no autismo. No processo de constituição do sujeito, existem momentos de alienação ao que vem do Outro e momentos de separação.

Zeferino Rocha (2000) enfatiza o aspecto do desamparo vivido no momento do nascimento, específico da espécie humana, como uma primeira possibilidade de vivenciar a separação. Essa experiência é tão fundamental e marcante que será replicada de modo inconsciente nas mais diversas situações de conflito vividas posteriormente, demonstrando com clareza seu caráter constituinte da subjetividade. É no processo de alienação e separação que o sujeito se constitui.

Lacan ([1964] 1988) faz uma diferenciação entre o eu vinculado a um plano imaginário e o sujeito vinculado a uma demarca-

ção do próprio desejo. O plano imaginário tem vinculação com o especular e, assim, reflete de forma literal o gozo do Outro. O duplo especular é constituído pelo Outro, é o eu ideal constituído sem furos.

É preciso que se faça uma torção nesse primeiro momento e haja uma barra a esse gozo para que o sujeito possa advir. É fundamental que algo se transforme, para que haja uma singularização. É necessário um ponto de virada.

A fim de compreender o ponto de virada que propicia a singularização, vejamos se podemos aproximá-lo do que acontece nas narrativas literárias.

2 O ponto de virada de narrativas literárias na clínica psicanalítica

Aristóteles ([c. 335-323 a.C.] 2003) relata, em *Arte poética*, que as fábulas funcionam como imitação de ações que ocorrem na vida. Há ações simples e ações complexas: a peripécia é parte de uma ação complexa. Em uma ação simples, o desenvolvimento da narrativa permanece uno e contínuo; já na ação complexa, há a presença de algo que modifica o sentido inicialmente indicado.

A peripécia é justamente o elemento da ação complexa modificador do que foi indicado e coerente com o verossímil e necessário. A peripécia pode ser ilustrada em *Édipo rei*, de Sófocles ([c. 427 a.C.] 2011), no trecho em que o mensageiro modifica com o seu dizer o rumo de toda a história, pondo o protagonista diante do inesperado.

Nesse trecho da tragédia, Édipo acaba finalmente por descobrir, por intermédio do mensageiro, que o oráculo havia acertado o trágico desfecho de sua vida. E por mais que tenha tentado evitar, ele acabara casando com a mãe e matara o próprio pai.

Roland Barthes (2013), no seu estudo de narrativas, complementa ainda que as expansões imprevisíveis num texto são muitas vezes vistas como liberdades do autor, no entanto fazem parte da própria forma narrativa.

Nas narrativas literárias, o ponto de virada é algo fundamental. Os roteiristas de cinema utilizam o ponto de virada ou *plot point* para segurar o telespectador; é ainda o que ocorre no “a seguir, cenas do próximo capítulo” numa novela; é quando o que era apenas acessório ou funcionava como fundo vira figura.

Roland Barthes (2013) cita Valery, apresentando uma aproximação entre os romances e os sonhos, pois ambos podem ser definidos com a ideia de que todos os afastamentos lhe pertencem. Dessa forma, o ponto de virada estaria intimamente relacionado com os elementos acessórios de uma cena.

Em *A interpretação dos sonhos* Freud (1900) demonstra que o importante é o sem-sentido, a lacuna, elementos acessórios que se unem como um quebra-cabeça. No capítulo 2 dessa obra dois conteúdos devem ser levados em consideração: os manifestos e, principalmente, os latentes.

Nosso primeiro passo no emprego desse método nos ensina que o que devemos tomar como objeto de nossa atenção não é o sonho como um todo, mas partes separadas de seu conteúdo. Quando digo ao paciente ainda novato: ‘Que é que lhe ocorre em relação a esse sonho?’ Seu horizonte mental costuma transformar-se num vazio. No entanto, se colocar diante dele o sonho fracionado, ele me dará uma série de associações para cada fração, que poderiam ser descritas como os ‘pensamentos de fundo’ dessa parte específica do sonho (FREUD, [1900] 2001, p. 106).

Com seu método Freud faz o que é fundo virar figura, ou seja, em parte, o que está latente se torna manifesto. Seu método não é tão fácil de ser realizado, pois não tem um código fixo como o de “decifração” popular. Pode-se deduzir daí que o ponto de virada vai depender dos elementos que são postos de forma singular em cada narrativa. O método advindo do seu estudo dos sonhos “emprega a interpretação em *detail* e não em

masse”, como o próprio Freud ([1900] 2001, p. 106) relata.

No campo da intervenção psicanalítica, de forma mais ampla e não circunscrita apenas aos sonhos, pode-se afirmar que há dois tipos de intervenção: a semântica e a assemântica. A intervenção semântica, vinculada ao início do ensino de Lacan, baseia-se na ordem do sentido, da verdade, e a supremacia está no campo simbólico. A intervenção assemântica aponta para a importância do campo real, e do não sentido. Trata-se:

[...] de isolar o S_1 assemântico sobre o qual o sujeito se constituiu, que vai causar muitas vezes no analisante certa perplexidade, porque incide no corpo. A interpretação assemântica aponta para um mais além da semântica, incide no sem sentido, no gozo (BAPTISTA; FONTE, 2014, p. 27).

É o que Miller (1998) refere de forma esmiuçada em *O osso de uma análise*. Ele ressalta que o psicanalista lida com o poema, e não com a questão autoral:

[...] o sujeito é antes o poema que o poeta. É assim que Lacan o indica, o sujeito é antes o ser falado. A psicanálise efetua, sobre o poema subjetivo, um tipo de análise textual que tem por efeito extrair daí o elemento poético, a fim de destacar o elemento lógico (MILLER, 1998, p. 45).

Nesse processo, o sujeito poderá se tornar em parte o autor de seu poema visto que para sempre estará alienado ao campo do Outro, mas até chegar lá, existem muitos modos de enunciação que nutrem uma amplificação significativa.

Alguns analisantes falam de suas memórias, outros narram eventos do dia, ainda outros explicam tudo de forma racional, outros mais tomam o mistério como o fio condutor de suas verbalizações, ou até mesmo a fala de um Outro tomada como oráculo.

Miller (1998, p. 42) refere que o termo abundância tem em sua raiz *copis*, a cópia:

Existia uma deusa que se chamava assim: cópia – Deusa da Abundância – e é uma virtude retórica; a cópia é descendente da abundância do dizer.

Mais adiante Miller (1998, p. 43) refere: “digamos simplesmente que, para nós, a cópia remete à exploração dos recursos acumulados no lugar do significante”.

É interessante perceber que um dos sentidos da cópia é o tesouro; assim, a cópia remete à abundância e ao Outro. Exatamente neste ponto é importante referirmos que a banalidade, a repetição do mesmo, o blá-blá-blá de uma narrativa antes da virada é o que se poderia dizer uma cópia.

Jean está inicialmente vinculado a um não dito a respeito da morte do irmão. Ele responde do lugar de um Outro, assimilando para si uma imagem destrutiva: a de um vivo-morto.

O psicanalista precisa saber reduzir a abundância em um processo psicanalítico. Inicialmente precisa saber operar sobre a função que rege a associação do seu analisante, pois os eventos narrados obedecem à mesma estrutura.

Uma segunda operação necessária a ser analisada é a de convergência:

[...] foi uma coisa dita que, para ele, pode ter tomado o valor de um oráculo, seja porque dedicou toda a sua existência a verificá-la, para torná-la verdadeira, seja porque o precipitou a desmenti-la (MILLER, 1998, p. 49).

Uma terceira operação é a evitação, é o que Lacan muitas vezes chama de uma frase, “que modula a escolha de um sujeito sem que ele o saiba e a longo prazo” (MILLER, 1998, p. 65).

A evitação é demarcada pelos elementos que escapam à forma como a frase foi constituída. Alguns elementos sempre ficam de fora e dizem respeito a uma redução ao necessário e ao impossível de ser dito.

Para além da redução simbólica, que é constituída pela repetição, pela convergên-

cia e pela evitação, Miller ressalta a operação-redução ao real, como algo que escapa à máquina do sujeito, se pode ou não pode escrever, mas tem algo da contingência que barra a máquina. Ela não pode responder à pergunta:

Por que tal palavra do Outro, tal palavra do pai, da mãe, de algum Outro tomou tal valor determinante para o sujeito? (MILLER, 1998, p. 66).

Nesse caso, se chega à pedra mesmo da análise; para a contingência não há programação. Há, então, um hiato entre essa dimensão significante e a dimensão da contingência,

[...] não podemos deduzir de uma articulação significante a quantidade de investimento libidinal que ela atrai para si (MILLER, 1998, p. 66).

Segundo Miller, é exatamente na margem entre redução significante e a redução quantitativa que se escreve o ato analítico.

Vejamos como se escreve o ato analítico propiciador de um ponto de virada no caso de Jean.

3 O ponto de virada de Jean: do não lugar ao significante PATATATI

Jean chega encaminhado com diagnóstico de autismo por se comunicar com pouquíssimas verbalizações, que se manifestavam de forma repetitiva. Ele já havia passado por outra profissional com a qual não conseguiu permanecer em sala para atendimento.

A fantasia mais insistente que o circunda está vinculada à própria morte. A mãe tem dificuldades em verbalizar a morte do seu irmão gêmeo idêntico. Na primeira sessão, ela diz com dificuldade e de modo reticente que dele guardava apenas uma fotografia. Ela e o marido nunca falaram a Jean sobre a morte do irmão.

Na verdade, escondiam porque acreditavam ser doloroso para ele saber. Jean está

em toda sessão marcado pelo número dois, repetindo insistentemente de forma peculiar a palavra “TOIS”.

Jean pinta o próprio corpo de forma ininterrupta e deixa seus rabiscos por toda a sala de atendimento. Esse aspecto é acolhido pela psicanalista, que percebe a importância de que a criança realmente possa pintar a sala. Ele pinta o chão e se pinta passando dos objetos a si; os papéis também são pintados, como qualquer objeto, parede, chão, mesa. Jean sente a necessidade de ultrapassar os limites do papel. Em algumas sessões, brinca de deixar cair algo e verbaliza “CAIU”.

Certa vez, na presença da mãe, a criança repete essa mesma brincadeira derrubando um boneco no chão. A mãe refere também que ele segura com muito cuidado um boneco em casa para que ele não caia no chão de forma alguma. Dessa forma, Jean parece constantemente encenar a morte do irmão. Além disso, gostava de correr riscos, ficando de pé numa cadeira.

A mãe dizia: “desça daí, não pode.” Esses mesmos termos eram trazidos pela criança, na terceira pessoa de forma repetida, como se fosse a própria mãe falando com ele. Jean não conseguia falar o termo “eu”.

O fato de a mãe de Jean ser surda faz com que a criança tenha de olhar para ela enquanto fala, para que ela possa entender. A linguagem tem como coadjuvante o olhar, mas Jean não fixava o olhar, seu olhar era perdido, sem atenção, um olhar que parecia não enxergar.

A mãe de Jean perdeu a audição na adolescência quando já dominava a linguagem. No entanto, por não escutar a própria voz, apresenta uma entonação com altos e baixos e um som anasalado. A forma como Jean verbaliza as palavras lembra os sons emitidos por sua mãe. A criança está sempre atravessada pelo entendimento de uma mãe que não escuta, pois o pai trabalha o dia inteiro. Ele tem pouco contato com outros familiares. A comunicação com a genitora é muito precária, e tudo se passa muito mais pelo olhar.

É interessante observar que, desde o início, Jean consegue verbalizar bem mais quando a mãe está de costas, o que parece apontar para alguma dimensão insuportável nesse olhar, uma dimensão literalmente mortífera.

A mãe relatou que o filho apresentava diversos medos. Ele tinha medo do chuveiro, de ficar na escola e de tirar fotos. É pertinente reiterar que a única lembrança do morto era uma fotografia, conforme relatado pela mãe. Os significantes presentes na história de Jean estão associados ao medo de morte: medo de sair em fotografias, medo de separação quando tinha de ficar na escola, ou medo da água que caía do chuveiro. Jean também trazia algo muito importante: ele não conseguia chamar mamãe e papai, era como se alteridades não existissem.

Ao contrário do que verbaliza a genitora quanto a Jean ser muito inquieto, ele passa a se apresentar bastante calmo durante as sessões após ter sua agitação significada; foi dito pela psicanalista que ele estava “vivo”.

Após algumas sessões, ela narra o trágico dia da morte do irmão de Jean. A morte ocorreu na mesma UTI neonatal onde Jean permaneceu por alguns meses. Ela relata que uma enfermeira mostrou-lhe o bebê, e ele não parecia morto. Ela narra ter dito: “Ele não está morto!”, e a enfermeira retrucou: “Está sim!” Relata ainda que a enfermeira ficou preocupada com a sua reação, porque pensava que ela não deixaria o bebê ser levado ao necrotério, mas deixou.

Aos 6 meses de idade, Jean chorava em seu quarto, e o pai avisou à mãe para ir acalentá-lo. Quando chegou ao berço, disse ela que não viu apenas Jean, viu dois bebês: “Um com a cabeça para um lado, e o outro com a cabeça para o outro lado.” Pegou o que viu chorar e o acalentou. Passa determinado tempo, sem que o choro cessasse, e o pai chega novamente ao quarto de Jean. O pai diz: “O bebê continua chorando!” Ela, então, responde: “Mas eu já o estou segurando!”. Nesse momento ela narra que o bebê desaparece dos seus braços, e Jean continuava chorando.

Na fantasia materna, Jean é preterido em relação ao morto, ao mesmo tempo que a mãe faz uma confusão entre ambos, visto que quem chorava era o que estava vivo. Essa fantasia fala a respeito do não lugar de Jean, ou de um lugar de morto. A mãe não só não escutava Jean, mas também não o via. Nessa cena, é possível observar com clareza uma confusão entre o morto e o vivo, e como o enredo fantasmático da mãe permite a constituição de um duplo especular.

Otto Rank (2013), o primeiro teórico a falar sobre a importância de um duplo, o qual influenciou Freud e Lacan, trazia a ideia de que a imagem do duplo tem uma dimensão mortífera, vinculada ao primeiro laço da vida, o materno.

Quando se permanece nessa situação de uma vinculação maciça com o duplo especular, não haveria o encontro com uma alteridade nem o advir do próprio eu, mas sim um voltar-se para o mundo interno, vinculado ao processo primário do princípio do prazer em detrimento do princípio de realidade (LOPES, 2004).

Jean após inúmeras sessões em que pintava de forma desenfreada utilizando diversos papéis sem parar, vê na sala uma garrafa de água, com o desenho dos palhaços Patati e Patatá. Ele tenta, então, verbalizar o nome dos palhaços e diz: PATATATI. Jean mistura o Patati e o Patatá, e passo a utilizar nas sessões o Patati e o Patatá, palhaços que no desenho são caracterizados com rostos semelhantes, mas com diferença nas cores das roupas e dos cabelos.

O Patati e o Patatá dão a possibilidade de uma contingência simbólica. Jean havia trazido um verdadeiro tesouro para trabalhar questões do duplo. Uma verdadeira possibilidade de recriação, o PATATATI é a possibilidade de uma recriação de seu conto. Desse modo, a psicanalista passa a trabalhar a diferenciação do Patati e do Patatá.

A brincadeira com o Patati e o Patatá vira algo que se repete durante as sessões. A psicanalista os desenhava, e ele os pinta-

va. Assim, passou a utilizar um vocabulário maior nas sessões. Pedindo para “PINTA” e para a psicanalista fazer as partes dos palhaços. “SAPATI”, diz ele pedindo que pinte os sapatos.

A psicanalista enfatiza que se parecem muito e, ao mesmo tempo, são diferentes, a exemplo dele e do irmão. Essa intervenção parte da ideia da sua vinculação com o duplo, porquanto se enfatiza a semelhança, mas ao mesmo tempo lança para a possibilidade de separação, haja vista que se complementa dizendo que não são iguais.

Os desenhos são pintados por Jean sem distingui-los, as cores são passadas indiferentemente no PATATI e no PATATA. A brincadeira permite ultrapassar a submissão ao duplo; afinal, um é Patati, e o outro, Patatá.

O vocabulário de Jean vai se ampliando, mas partindo desses mesmos termos: PATATATI, SAPATI, PINTA. Há, então, uma brincadeira com essas sonoridades. É possível ver que o PATATATI, surge como elemento acessório, o estranho familiar, que sempre esteve presente, e é a partir dele que é possível realizar uma torção, a qual inicialmente foi feita nas intervenções com sua mãe, dando ênfase à importância de falar do morto.

Com o passar das sessões, segundo a mãe, Jean passou a pronunciar o nome da psicanalista em casa. Ficava, então, ansioso para vir ao atendimento, acordava mais cedo e se aprontava com vontade.

Era surpreendente como fazia isso apenas nos dias marcados para a sessão, pois acordava naturalmente mais cedo, o que demonstra um movimento transferencial da parte de Jean, também com a possibilidade de nomeação de um outro.

Em determinada sessão, coloca letras nas mãos da psicanalista. As letras foram devolvidas à criança ao mesmo tempo em que foi dito: as letras são suas, Jean.

A mãe também estava transferencialmente vinculada à psicanalista por ter conseguido falar da dor da perda do outro filho, além

de ter percebido a presença do não dito no corpo de Jean, nos seus medos. Esse é o elemento surpresa para a mãe, ou seja, a sua fantasia vinculada ao irmão de que ele ainda estava vivo retirava o lugar de Jean e tinha relação direta com as questões ora apresentadas.

Ela própria passa a não acreditar no diagnóstico de autismo de que antes ainda duvidava e percebe quanto não falar e deixar escondido o que ocorreu deixava seu filho vinculado a um outro morto, até por serem gêmeos idênticos.

Ao fim dos atendimentos, sua mãe presenteou a psicanalista com um porta-retrato para colocar uma foto de Jean. Ele poderia finalmente sair em uma foto sem ter medo de morrer. Jean havia tido muitas modificações.

Parou de bater a cabeça na parede, passou a ficar na escola sem chorar, a ficar no banheiro sem medo quando a água caía, aumentou seu vocabulário e passou a chamar mamãe e papai. Os pais notaram que Jean modificou o olhar... “Agora ele olha mais para a gente.”

Considerações finais

Na prática clínica, percebeu-se que é possível o psicanalista inicialmente apenas refletir o que é trazido, acolhendo mais do que intervindo, tentando suportar os excessos que aparecem no ato de se pintar, de pintar a sala, de querer pintar a própria psicanalista.

O que se pode dizer utilizando a ideia de Miller (1998) é que esse momento do processo se refere muito mais a uma redução quantitativa. Por meio da utilização da transferência, é possível depois de conquistada, demarcar algo de original no enredo do sujeito, ou seja, propiciar uma redução significativa, e nesse caso especificamente seria criar a possibilidade inicial de inscrição de uma marca significativa.

No caso de crianças, a modificação da fantasia de seus pais pode ter efeitos realmente estruturantes. Não é só o olhar ou a fala que marca a exceção. Há também um jeito espe-

cífico de o psicanalista se posicionar que tem relação com o que um poeta faz em seu texto quando há uma reviravolta em um conto.

O psicanalista instaurará uma ressignificação ao aproximar a ideia dos casos clínicos a contos literários, contos que necessitam de um ponto de virada de algo que vem sendo repetitivo de forma destrutiva, o que guarda relação com o que é especular, com a mesmice, com a submissão ao Outro, com o excesso como uma novela que se inicia na banalidade e surpreende no final.

Nas intervenções, é possível utilizar o que às vezes um olhar submetido às regras e convenções não pode ver. É preciso subverter. O lugar do psicanalista pode surgir como outro espelho em que o sujeito possa se ver de um novo modo, separando-se do duplo especular, por meio de intervenções que modificam o diagnóstico de autismo dado como certo e sem saída.

Mediante a utilização da transferência, no sentido de que há uma transposição de conteúdos traumáticos, é possível o psicanalista acolher o estranho do outro e posteriormente promover uma torção por meio da especificidade da narrativa apresentada. O ponto de virada é um ponto entre a repetição e a separação.

Essa forma diferente de ver pode ser fundamental para a intervenção clínica, dando origem a metamorfoses corporais, em casos muitas vezes considerados complexos, “sem jeito”, que se configuram preliminarmente em uma indiferenciação entre o eu e o outro-Outro.

Abstract

The purpose of this article is to discuss psychoanalytical interventions that can be compared to turning points, a strategy employed in literary narratives. To illustrate this we will use the case of Jean, a four-year-old boy, who's twin died shortly after birth and found himself subjected to specular double. The double appears as a destructive trace preventing the child's individualization. According to Aristotle, such a point gives opportunity for the creation of a different encoding, generating changes in the direction and in the proper sense of the narrative. In Jean's case, based on interventions conducted within a transference field, the psychoanalyst functions initially as a mirror, with emphasis on what is repeated, what characterizes the linearity of the narrative, but, at the same time, opens up possibilities for the emergence of a surprise element, initially considered an accessory, though becomes the fundamental element. The psychoanalyst's position of operating initially as mirror and further emphasizing the element, brought as an accessory, allows a modification between figure and background of the clinical case, providing a metamorphosis in Jean's body, a change in his gaze.

Keywords: *Specular double, Surprise element, Mirror, Body metamorphoses, Turning point.*

Referências

- ARISTÓTELES. *Arte poética* (c. 335-323 a.C.). Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003. (Coleção Obra-prima de cada autor).
- BAPTISTA, M. E. N.; FONTE, R. V. C. *Um ponto de partida...: a interpretação psicanalítica*. Recife: Da-DPA, 2014.
- BARTHES, R. (Org.). *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- DOLTO, F. *Tudo é linguagem*. São Paulo: M. Fontes, 1999.
- DUMEZIL, C.; BRÉMOND, B. *L'invention du psychanalyste: le trait du cas*. Toulouse: Erès, 2010. (Collection Point Hors Ligne).
- FREUD, S. *A interpretação dos sonhos* (1900). Tradução de W. I. de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago, 2001. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=rhpNCgAAQBAJ&pg=PA106&lpg=PA106&dq=Seu+horizonte+mental+costuma+transformar-se+num+vazio>>. Acesso em: 19 mar. 2016.
- LACAN, J. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. (Campo Freudiano no Brasil).
- LACAN, J. *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia* (1938). Tradução de Marco Antonio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Junior. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. (Campo Freudiano no Brasil).
- LOPES, A. M. C. S. *Sobre o duplo especular: interferências do imaginário nos primórdios da elaboração lacaniana da paranoia*. Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.
- MEIRA, Y. M. *As estruturas clínicas e a criança*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- MILLER, J.-A. O osso de uma análise. *Biblioteca - Agente: Revista de Psicanálise da EBP-BA*, Número especial, 1998.
- NASCIMENTO, M. B. Alienação, separação e travessia da fantasia. *Opção Lacaniana*, ano 1, n. 1, p. 1-15, 2010. Disponível em: <http://opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_1/ Aliena%C3%A7%C3%A3o_sepa>.

ra%C3%A7%C3%A3o_e_a_travessia_da_fantasia.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2016.

QUINET, A. *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

RANK, O. *O duplo: um estudo psicanalítico*. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

ROCHA, Z. A reformulação da teoria freudiana. In: _____. *Os destinos da angústia na psicanálise freudiana*. São Paulo: Escuta, 2000. p. 95-156.

SÓFOCLES. *Édipo rei* (c. 427 a.C.). Tradução de Paulo Neves. Rio de Janeiro: L&PM Pocket, 2011.

Recebido em: 31/10/2016

Aprovado em: 16/11/2016

Sobre as autoras

Anna Barreto Campello Carvalheira Chaves

Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Iniciou o Doutorado na Unicap em 2013 e escreve a tese: *Do duplo especular às metamorfoses corporais: um estudo sobre o ponto de virada das narrativas literárias na intervenção psicanalítica*.

Edilene Freire de Queiroz

Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
Doutora em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
Pós-doutora pela Universidade de Aix Marseille I em 2005.
Atualmente é professora titular da Universidade Católica de Pernambuco e membro do colegiado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Uma das coordenadoras da Cátedra Francisco Brennand.
Professora associada da Université Catholique de L'Ouest-Angers.
Membro pesquisador da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental.
Membro do GT – Psicopatologia e Psicanálise da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia.

Endereço para correspondência

Anna Barreto Campello Carvalheira Chaves
E-mail: <annacarvalheirachaves@yahoo.com.br>

